

Setor Cerâmico na Formação Socioespacial Catarinense

Fernando Soares de Jesus*

^a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil

**e-mail: fernando-soares-de-jesus16@gmail.com*

Resumo

A indústria cerâmica é atualmente um dos segmentos mais relevantes de Santa Catarina. Para isto, porém, uma série de fatores genéticos e de evolução foram determinantes. A acumulação primitiva, típica da colonização europeia, especialmente pelo elemento italiano, e a forte intervenção estatal deram as bases para o estabelecimento do setor. Pretende-se neste trabalho evidenciar como estes dois fatores mutualmente se acresceram em prol da força do segmento cerâmico catarinense, em especial do setor de revestimentos. Teórico e metodologicamente, voltou-se à concepção de formação socioespacial, de Milton Santos, e à perspectiva da pequena produção mercantil, de Armen Mamigonian, além da realização de estudos sobre trabalhos que traziam as mesmas temáticas, bem como entrevistas e análises de bancos de dados. Como resultado, foi obtido um retrato evolutivo do setor, evidenciando aspectos como seu processo de desconcentração pelo estado e pelo país, a criação de uma economia de aglomeração, especialmente no sul de Santa Catarina, e a entrada e atual relevante competitividade do produto cerâmico catarinense em mercado mundial.

Palavras-chave: cerâmica, intervenção estatal, pequena produção mercantil, formação socioespacial.

1. Introdução

O setor cerâmico catarinense tem grande importância em cenário nacional e adquiriu, nas últimas décadas, um prestígio em nível global, com produtos competitivos no mercado externo e com marca e design reconhecidos mundialmente. Ainda, porém, muitos são os desafios em relação ao estabelecimento das grandes indústrias catarinenses do segmento em âmbito internacional, principalmente em relação à política governamental desfavorável, especialmente a partir da adoção da cartilha neoliberal dos governos dos anos 1990. No mercado interno, a proporção de vendas das cerâmicas catarinense vem caindo. Isto é decorrente do crescimento acelerado de um outro polo produtivo no país: o aglomerado de Santa Gertrudes, em São Paulo. A cerâmica paulista vem cada vez mais conquistando o mercado das classes C e D, obrigando a especialização do setor de Santa Catarina em produtos de maior valor agregado, voltado para um mercado com maior poder aquisitivo.

Especialmente, o setor cerâmico tem uma concentração no sul do estado e, por muito tempo, esta mesorregião concentrou boa parte do lucro e da produção catarinense. Porém, atualmente, vemos o crescimento deste tipo de indústria em outras partes de Santa Catarina, especialmente na Grande Florianópolis. Quando levamos em conta o subsetor da cerâmica vermelha (produção de tijolos e telhas), a desconcentração é muito mais evidente.

Neste sentido, este trabalho volta-se a compreender os aspectos inerentes ao desenvolvimento do setor cerâmico catarinense, desde sua gênese até sua dinâmica atual. O primeiro capítulo debruça-se sobre o período de surgimento das indústrias do segmento, envolvendo assuntos pertinentes à acumulação primitiva de capital

pelos imigrantes e ao processo de divisão social do trabalho, relacionando estes fenômenos com o profundo processo de concentração capitalista que deu origem às primeiras indústrias. Já no segundo capítulo, foca-se na expansão das cerâmicas por Santa Catarina – em especial do subsegmento de revestimentos, o mais forte do estado. No terceiro capítulo, é abordada a dinâmica estatal que permitiu a consolidação e o crescimento do setor e a posterior desagregação destes auxílios. O quarto capítulo debruça-se sobre as questões intrínsecas à dinâmica atual do setor, o faturamento das grandes empresas nos últimos anos, as perspectivas para as mesmas e a relação com a concorrência interna. Por último, a quinta parte objetiva traçar as relações espaciais do setor cerâmico com o mercado, a logística de distribuição e as relações com o consumidor, bem como as relações com fornecedores e com outras empresas do aglomerado.

2. Da Colonização ao Carvão: A Gênese do Setor Cerâmico Catarinense

Para compreender os aspectos intrínsecos não só ao setor cerâmico, mas também à indústria catarinense como um todo, é necessário retornarmos sempre à sua origem, analisando os aspectos históricos, econômicos e sociais que darão embasamento para o crescimento do setor posteriormente. No caso específico do setor cerâmico, a gênese aparece relacionada com o povoamento italiano e com a riqueza mineral de carvão na região. Estes dois fatores se interpenetraram, através dos séculos, em diferentes escalas e de diferentes formas.

Apesar do povoamento europeu em Santa Catarina se iniciar ainda no século XVIII por povos açorianos e

madeirenses, foi apenas no século XIX que começou a se delinear a imigração por parte do elemento italiano. O despreparo do governo brasileiro em relação à política de locação migratória resultou em uma dispersão destes colonos de origem italiana pelo estado, principalmente pelos vales dos rios Itajaí-açu, Itajaí-mirim e Tijucas. A partir de 1877, os colonos começaram a migrar para os até então despovoados vales do sul do estado. Desta forma, já em 1877, era fundada a colônia Azambuja, nas proximidades do Rio Tubarão. Em pouco tempo, surgiram novos povoadamentos, como Urussanga, Treze de Maio, Acioli de Vasconcelos (Cocal) e Criciúma (PIAZZA; HÜBENER, 2001, p. 378).

Estes imigrantes, geralmente vindos do norte da Itália, já vivenciavam uma divisão social do trabalho. Alguns, inclusive, já eram contemporâneos à pequena indústria. Como pontua Sonogo (2002), citado por Isoppo (2009), os excedentes populacionais vindos da Itália eram compostos por meeiros, pequenos proprietários, trabalhadores diaristas ou empregados menos qualificados da indústria. Instalados no sul do estado, os italianos conservaram suas práticas agrícolas, com o cultivo de milho, arroz, uva, amoreira e fumo, além da criação do bicho-da-seda.

Conforme surgia um aumento no nível de produção, o comércio com outras regiões, como o Rio de Janeiro, também começava a tomar forma (ISOPPO, 2009, p. 34-35). Aos poucos, uma diferenciação social ia surgindo dentro da vida colonial, resultado de uma acumulação de capital por parte de alguns, em detrimento de outros. Sobre este processo de acumulação em Criciúma, Nascimento (1993, p. 19-20) afirma que, já no início do século XX, havia se estruturado “uma elite de comerciantes e negociantes diferenciada dos agricultores no seu modo de vida público e privado”.

No final do século XIX, o sul catarinense já contava com uma divisão social do trabalho, sendo composto por “unidades econômicas heterogêneas” (LENIN, 1982). Como resultado deste processo, temos o surgimento de um capital determinante para o aparecimento das indústrias, entre elas, a cerâmica, além ainda do fomento ao mercado interno.

Além do estabelecimento da pequena produção mercantil, outro aspecto deve ser levado em conta na industrialização do sul-catarinense: a riqueza em carvão mineral e argila em seu território. Isoppo (2009) salienta que existem dois períodos de acumulação no sul do estado: o primeiro, do século XIX até meados de 1930, que ocorreria através da diferenciação social na agricultura – ligado, portanto, diretamente ao processo de colonização - e um segundo, mais significativo, entre 1930 e 1940, por meio da atividade carbonífera, que teria originado novas fortunas e novos empresários, influenciando, portanto, o aparecimento da indústria cerâmica.

O naturalista Friedrich Sellow, em 1832, fez as primeiras análises acerca do carvão catarinense. Em 1861, Visconde de Barbacena, interessado na exploração da região, usou da sua influência para fazer com que o Governo Imperial fechasse um acordo com os ingleses para a construção de uma ferrovia, com o objetivo de escoar a produção (GOULARTI FILHO, 1997). Paralelamente ao início das obras desta ferrovia, era construído o que

seria futuramente o Porto de Imbituba, “um trapiche com 70 metros de extensão, misto de ferro e madeira” (MARTINS ([199-?]), p. 8).

Visto o fracasso da exploração carbonífera, Visconde de Barbacena vendeu suas terras na região das minas, da ferrovia e do porto para Antônio Lage, dono da firma carbonífera Lage & Irmãos. Instalado no município de Imbituba, o filho de Antônio Lage, Henrique Lage, diversifica sua atividade para além do carvão. No ano de 1919, finalmente, é inaugurada, por ele, a primeira indústria cerâmica do estado, a ICISA (MARTINS ([199-?]), p. 8). Tudo começa quando Henrique Lage decide “iniciar um serviço de cargas e passageiros, num porto que se iniciava, completamente desaparelhado [...]” (MARTINS ([199-?]), p. 9) em Imbituba. Com o intuito de abastecer os navios da sua companhia com louças, aproveitando um rejeito da produção carbonífera, o barro branco, Henrique Lage fundou, também em 1919, a Cerâmica Henrique Lage (futura ICISA)¹.

Pode-se perceber que a gênese da primeira indústria cerâmica de Santa Catarina não ocorre de uma acumulação originária da pequena produção mercantil entre os imigrantes, ou até mesmo diretamente da exploração carbonífera. Diferentemente de Diomício Freitas, que se destacou como um importante nome na atividade cerâmica e carbonífera em Santa Catarina, Lage não acumulou seu capital através da “pequena produção mineradora”. A acumulação partiu, a princípio, de uma união entre as atividades de reparos navais e de comercialização de carvão. O auge da acumulação pela família ocorre, porém, somente em 1891, com a formação da Companhia Nacional de Navegação Costeira, inserida no serviço de cabotagem.

O modo de acumulação vivenciada pela família Lage, portanto, vai ao encontro dos pensamentos de Caio Prado Júnior (2012, p. 256). Para o autor, este *outro* tipo de acumulação capitalista tem origem “nos próprios lucros diretos e normais da indústria e do comércio, e é condicionada sobretudo pelo caráter particular de seus detentores”. O acúmulo gerado por este processo, que envolveu as criações das firmas familiares e dos primeiros negócios comerciais da família, seriam, sob esta visão, etapas da acumulação do fundo financeiro necessário para a posterior fundação da Companhia Nacional de Navegação Costeira. A partir de tais análises, depreende-se que a primeira indústria cerâmica de Santa Catarina tem sua gênese diferenciada das outras que surgirão adiante. Primeiro, temporalmente, por ter sido criada aproximadamente 30 anos antes da segunda cerâmica do estado (Cesaca, em Criciúma) e, em segundo, pela origem distinta do capital inicial da fábrica.

3. A Expansão do Setor Cerâmico pelo Sul de Santa Catarina

Entre as décadas de 1940 e 1970, o setor cerâmico passou pelo seu mais forte período de expansão por Santa Catarina. Mamigonian (1986) elenca que fatores como a

¹ Informação obtida através de entrevista com o ex-funcionário da ICISA, Geneval Fernandes Laurentino, em 11 de maio de 2016.

existência de argila, a experiência técnica acumulada e a garantia de mercado lucrativo levaram os capitais locais a se dirigirem à produção de azulejos. Tais capitais locais, diga-se, acumularam-se através da pequena produção mercantil, evidenciando a importância deste fator na constituição do setor. Levando em conta os aspectos físicos, a região é rica em minerais não-metálicos, como argila, caulim e quartzo, principalmente nas formações sedimentares da Bacia do Rio Paraná. A faixa de argila é encontrada entre as camadas de carvão, conhecidas como Barro Branco, ou “quadração”.

Em geral, as empresas que se surgiram apresentavam uma gênese bastante similar. Eram geralmente pessoas simples que, através de uma vida calcada, acumulavam capital a partir de um pequeno empreendimento, indo ao encontro à via americana ou à via realmente revolucionária. De modo a embasar esta afirmação, analisemos a seguir a origem de algumas das grandes empresas do estado.

Ainda em 1959, Maximiliano Gaidzinski fundou a Eliane S/A Revestimentos Cerâmicos. O empresário nasceu no distrito de Cocal, na época distrito do município de Urussanga. Sua mãe era parteira e seu pai sapateiro. A família, nos anos 1930, obtinha sua renda através de uma pequena casa de comércio de sapatos e de uma fábrica de balas, ambos mantidos através de mão de obra familiar. Maximiliano, após a compra pelos irmãos da carbonífera Próspera, iniciou um empreendimento próprio: tratava-se de um lavador de moinha de carvão, que acabou fracassando (HORN, 2010). Este ponto evidencia a estreita relação entre o setor carbonífero e o cerâmico no sul catarinense.

Após algumas outras experiências, Maximiliano vira assistente do diretor-técnico em cerâmica da CESACA (Cerâmica Criciúma), Alfredo Del Priori. Aos poucos, o futuro empresário ascendeu dentro da empresa, até virar um dos membros do quadro de acionistas. Buscando os lucros que as cerâmicas Imbituba e Criciúma obtinham, Del Priori fundou a Cerâmica Cocal, que, por dificuldades financeiras, acabou indo à falência. Maximiliano, então, compra a empresa, que agora passava a se chamar Cerâmica Eliane (HORN, 2010).

Da mesma forma que Maximiliano Gaidzinski, Diomício Freitas², que fundaria em 1971 a Cecrisa Revestimentos Cerâmicos, teve uma origem humilde e, durante sua trajetória, acabou trabalhando em alguma atividade relacionada com o complexo carbonífero. O pai de Diomício obtinha seu sustento da agricultura e de uma pequena fábrica de banhas. Aos doze anos, Freitas trabalhou como telegrafista na Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, onde saiu apenas em 1939, entrando no ramo do carvão. Inicialmente trabalhando de forma rudimentar na exploração de um afloramento de carvão em um terreno de sua propriedade, Diomício Freitas se transformou em um empreiteiro em algumas grandes carboníferas, acumulando capital necessário à fundação da Cecrisa (ISOPPO, 2009).

² Mais da trajetória de Diomício Freitas pode ser encontrado em Isoppo (2005).

Este mesmo processo de acumulação ocorreu com outras cerâmicas do estado, como a Gabriella, de Criciúma, e a Cejatel, de Jaguaruna. Outras grandes indústrias do setor, porém, é válido lembrar, surgiram de formas mais diversas, como a Itagres, fundada por José Ghizone, empresário tradicional da região de Tubarão, e a Portobello, deslocada do eixo cerâmico do sul do estado, estando localizada no município de Tijucas (Grande Florianópolis), como indica a Figura 1, originária de um desmembramento do grupo administrador da usina de refinamento e produção de açúcar USATI (Usina de Açúcar Tijucas).

4. Um Setor Protegido pelo Estado

Se a pequena produção mercantil dos colonos italianos no sul de Santa Catarina e a existência de riqueza mineral nesta região foram determinantes para o surgimento do setor cerâmico, é verdadeiro afirmar que dificilmente este setor teria se firmado sem a intervenção do Estado.

Podemos dividir este período de ação do Estado em dois momentos bastante específicos. Um que vai da década de 1960 até a década de 1980, quando o Estado agiu, de fato, como articulador econômico, e outro, a partir de 1980 e consolidado nos anos 1990, quando o Estado adquire um caráter neoliberal, trazendo consequências para o setor.

Até a década de 1960, pode-se observar que o setor cerâmico era dominado por uma base bastante dispersa e pouco articulada. O que existiam eram indústrias de pequeno ou médio porte, entre elas a Cesaca, a Cecrisa e a Cocal, que careciam de uma máquina estatal que fizesse possível seu crescimento. Conforme Goularti Filho (2002, p. 14), a consolidação do capital industrial catarinense ocorreu através da figura do Estado, este “atuando como forma superior de organização capitalista, alargando as bases produtivas, ajustando-se à ordem econômica e politizando as relações econômicas”. Desta forma, há, a partir de 1962, uma mudança no caráter do Estado, que agora se tornaria o propulsor do crescimento econômico, auxiliando no processo de centralização de capital. Em substituição do capital pulverizado, emerge o capital concentrado nas mãos de poucos grupos empresariais.

No âmbito desta nova política estatal, temos o estabelecimento de políticas por parte do governo estadual com o intuito de financiar investimentos à economia, principalmente através da instituição de agências de fomento, como o BRDE (ver Gráfico 1 a seguir) e o BADESC, e programas de incentivos, como o FUNDESC e o PRODEC.

Conforme pode ser visto no gráfico anterior, entre os anos de 1963 e 1980, o setor de minerais não-metálicos (cerâmico) recebeu cerca de 12,3% dos auxílios totais do BRDE, sendo o terceiro setor com maior auxílio financeiro. Já do capital oferecido pelo BADESC, criado em 1975, o setor cerâmico recebeu cerca de 13% do montante total entre os anos de 1975 e 1999, sendo a quarta área mais auxiliada pelo crédito, somente atrás da indústria têxtil (17%), da agroindústria (17%) e de atividades do terceiro setor, como comércio e o turismo, com 15%.

Além das agências de fomento, também é marcante no período a criação de programas de incentivos fiscais,

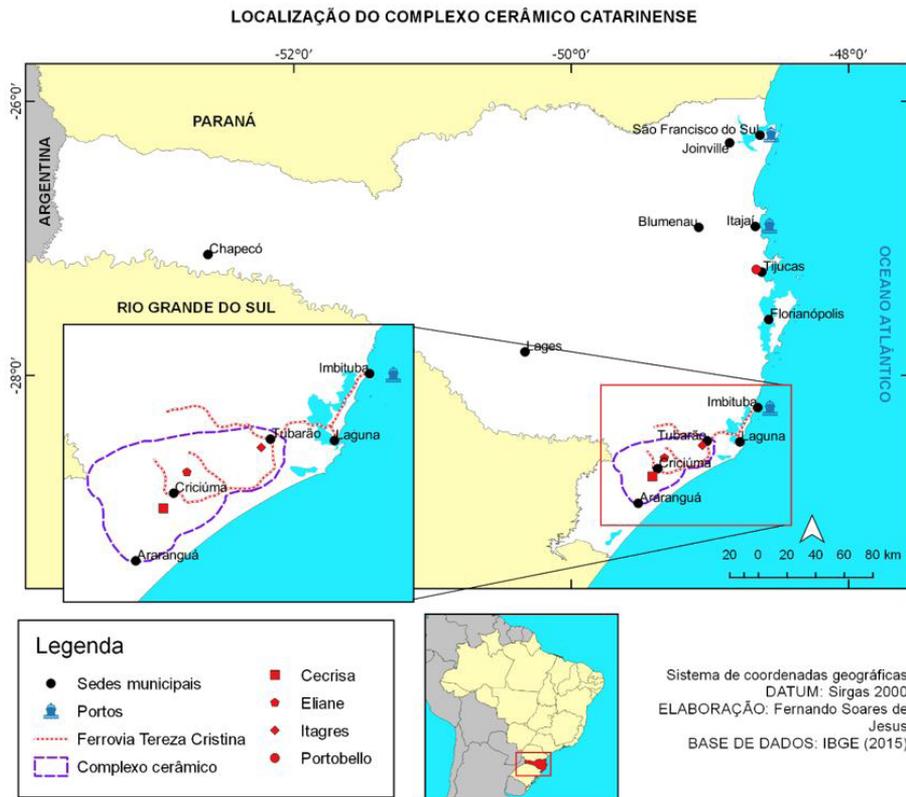


Figura 1. Localização do complexo cerâmico catarinense. Elaboração própria.

a maioria tendo como fonte os recursos do ICM (Imposto sobre circulação de mercadoria), mais tarde transformado em ICMS. Destacam-se, no contexto do setor cerâmico, o FUNDESC e o PRODEC.

Conforme pode ser visto no Gráfico 2, a importância do FUNDESC para o setor cerâmico é evidente quando analisamos o ano de 1970, onde cerca de dois terços dos auxílios do programa foram direcionados ao setor de minerais não-metálicos. Já o PRODEC, no período entre 1988 e 1996, ofereceu cerca de 28 milhões de reais em incentivos para duas cerâmicas catarinenses: a Tec-cer, de São José, e a De Lucca, de Criciúma, ambas hoje desativadas. Entre 1998 e 1999, a Cerâmica Portobello se destacou neste sentido, com uma quantia de 94 milhões de reais em investimentos, uma fatia correspondente a 6,6% do total (SANTA CATARINA, 1999).

Com base nisto, denota-se a importância que o Estado, como articulador econômico, teve sobre o setor cerâmico catarinense. A partir dos anos 1980, porém, iniciou-se um período de desaceleração do crescimento econômico entre os países latino-americanos, entre eles o Brasil, causado principalmente pela dificuldade dos Estados de quitarem suas dívidas internas e externas (GOULARTI FILHO, 2016, p. 273). Porém, Santa Catarina, assim como alguns outros estados, conseguiu manter um bom crescimento durante o período, com números bem superiores ao crescimento do PIB nacional. A indústria cerâmica muito contribuiu com isto. Dentre os motivos que fizeram o setor se sair

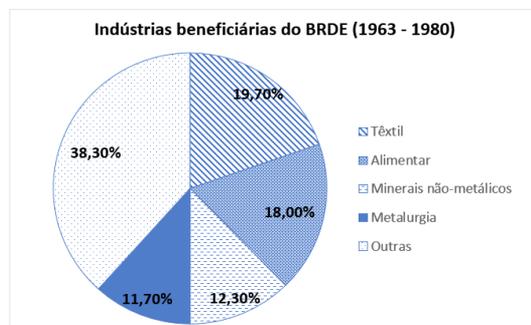


Gráfico 1. Indústrias beneficiárias do BRDE (1963-1980). Dados retirados de Goularti Filho (2016). Elaboração própria

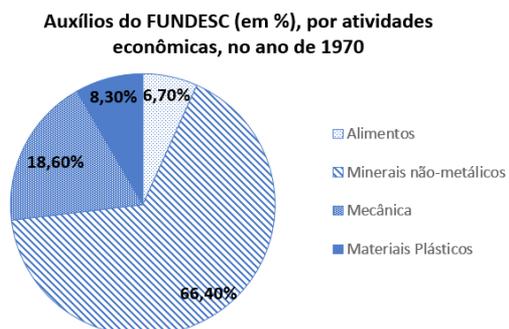


Gráfico 2. Indústrias beneficiárias do FUNDESC (1970). Dados retirados de Geise (1991). Elaboração própria.

relativamente bem nesta crise, podemos citar a produção para o mercado externo, a ocorrência do último *boom* do setor carbonífero e a profissionalização administrativa das empresas.

Na década de 1980, as grandes cerâmicas do setor já estavam passando por um importante processo de internacionalização da produção. No início deste período, as exportações de pisos e azulejos eram correspondentes a cerca de 9,0% do total das exportações nacionais. No final da década, este número já via passado para cerca de 28,7%. Em relação ao último *boom* do setor carbonífero, percebe-se que, ainda sob proteção estatal, a produção de carvão de Santa Catarina teve um importante salto entre os anos de 1973 e 1985, passando de 4,3 para 19,7 milhões de toneladas de produção. O setor continuou ainda blindado até seu desmonte a partir da década de 1990 (GOULARTI FILHO, 2016, p. 273). Por fim, muito embora este processo tenha ganho mais força a partir da década seguinte, os anos 1980 são marcados pela profissionalização administrativa das empresas do ramo, com saída das famílias do comando das empresas e a contratação de profissionais da área.

A década de 1990 inicia-se com um novo período na relação entre Estado e iniciativa privada. Neste período, há a ocorrência de um desmonte do Estado interventor e um enrijecimento do Estado neoliberal no Brasil, especialmente durante o período Collor, acarretando na retração econômica em diversos setores no país.

Porém, o setor cerâmico, novamente, não seguiu esta linha. Assim como ocorrera na década anterior, o início da produção para o mercado externo foi um dos fatores que possibilitou a estabilidade das cerâmicas de revestimento de Santa Catarina frente aos outros setores. Este fator, não só dinamizou as vendas de produtos de revestimentos cerâmicos, como também garantiu sua constante atualização tecnológica e gerencial, proporcionando a concorrência com os semelhantes importados. Outro fator a ser apontado foi a criação de setores de base nas regiões onde localizam-se as indústrias cerâmicas, em especial em Criciúma, criando um verdadeiro arranjo industrial em torno do setor. Neste período, se instalam na região a Esmalglass e a Torrecid, da Espanha, e a Colorobia, da Itália, distribuidoras de fritas, a SRS, da Itália, fabricante de telas serigráficas. A criação desta dinâmica industrial possibilitou a atualização tecnológica das empresas, além do aumento da produtividade e do valor agregado dos produtos (PINTO JÚNIOR, 2008, p. 81). Cário e Enderle (2005), citados por Pinto Júnior (2008, p. 81), afirmam ainda que fatores mais ligados à gestão empresarial, também foram positivos neste sentido. Entre eles, podemos citar a redução dos níveis hierárquicos, a terceirização e a adoção do *just-in-time*.

A década de 1990 também foi marcante em outros sentidos. Em cenário mundial, a China, com grande agressividade, se torna a maior produtora do gênero, superando Itália e Espanha, líderes tradicionais do setor. A indústria chinesa se beneficia, entre outros fatores, do forte auxílio estatal. O Estado, no país, protege o mercado

da concorrência externa, financia as exportações e fomenta o acúmulo de capital através de finanças industrializantes (GOULARTI FILHO, 1997, p. 75). Na década de 1990, portanto, o Estado chinês sustentou o segmento cerâmico da mesma forma que o Brasil fazia entre os anos 1960 e 1980 e deixou de fazê-lo neste período, seguindo a onda neoliberal.

5. A Cerâmica de Revestimento de Hoje

Desde o surgimento de baixo para cima, ou seja, pelo acúmulo de capital através da pequena produção mercantil, até os auxílios dados para a consolidação do setor entre as décadas de 1960 e 1970, muitos foram os fatores que possibilitaram a criação de uma base sólida para as empresas do setor cerâmico de Santa Catarina. Porém, outros agentes surgiram e vêm constantemente barrando o sentido crescente do setor. Dentre eles, podemos citar o acirramento com a concorrência paulista, bem como as dificuldades cambiais no mercado externo. Portanto, podemos entender o setor cerâmico catarinense atual como um segmento forte e estável, porém cauteloso e sofrendo com as nuances do mercado interno e externo e com outros fatores inerentes às condições logísticas e estruturais das empresas.

Como exemplo, podemos citar a Eliane. Em 2007, a empresa fechou duas de suas filiais, a Florâmica, em Londrina (PR) e a Ornato, em Serra (ES). No primeiro caso, como justificativa, aparece uma necessidade de freio de custos (a Florâmica usava um tipo de combustível – GLP – mais caro e menos eficiente que o restante das indústrias) e a proximidade com a concorrência paulista. No segundo caso, a diminuição das exportações da empresa foi determinante, visto que esta filial produzia principalmente para este mercado (ISOPPO, 2009, p. 167).

Em 2014, a receita líquida da empresa foi de R\$698,5 milhões, frente aos R\$632,2 milhões de 2013. No mercado interno, houve um crescimento de 10,0% em relação a 2013. No mercado externo, a receita bruta foi 11,8% maior em 2014 em relação ao ano anterior³. Nota-se, logo, que apesar do fechamento de algumas unidades, o lucro da empresa continua em ritmo crescente. Depreende-se este fato do aumento da fabricação de produtos de maior valor agregado e dos investimentos em pesquisas em prol da melhoria da qualidade e da eficácia da produção.

Em análise à Tabela 1 acima, que diz respeito às empresas da região de Criciúma (exclui-se, portanto, neste caso, a PBG S/A), este fenômeno pode ser muito bem ilustrado. Entre 2009 e 2015, o volume de produção cresceu cerca de 34%, enquanto que o faturamento cresceu, neste mesmo período, 71%, evidenciando um maior valor agregado dos produtos.

Em 2015, a Portobello (a partir de 2015 com a uma nova razão social: PBG S/A) deu um importante passo em seu processo de expansão pelo país, inaugurando, no município de Marechal Deodoro, no litoral sul do

³ Dados obtidos dos balanços patrimoniais das empresas.

Tabela 1. Produção de revestimentos cerâmicos na APL de Criciúma (em milhões de m²/ano).

Ano	Produção (m ²)		Faturamento (R\$)
	Pisos	Azulejos	
2015	83.513.325	17.822.722	2.147.356.188
2014	75.137.076	20.646.389	1.866.538.991
2013	71.360.350	21.470.934	1.932.423.160
2012	65.373.999	24.310.857	1.812.560.666
2011	68.424.062	29.367.933	1.702.185.101
2010	59.782.350	24.107.960	1.467.785.197
2009	53.626.049	21.963.879	1.255.859.170

Elaboração própria a partir dos dados do SINDICERAM.

estado do Alagoas, a Pointer. O empreendimento foi originário de uma parceria entre o Grupo Portobello e o Banco do Nordeste. Entre os principais motivos que levaram a instalação da empresa no estado, podemos citar principalmente a possibilidade de exploração de um grande mercado na região, até então abastecido pelas exportações das cerâmicas paulistas. A instalação no Nordeste, especialmente nos estados da Bahia e de Alagoas, logo, pode ser considerada uma tendência no setor, visto que, além da Portobello, a Eliane, a Moliza, entre outras empresas, mantém filiais nesta região.

Eliane e Portobello dividem a com a Ceccrisa a liderança em produção, tecnologia e faturamento entre as indústrias cerâmicas catarinenses. A Ceccrisa, fundada na década de 1960 por Diomício Freitas, é atualmente composta por três unidades industriais, a Cemisa, em Santa Luzia/MG, a Eldorado, em Criciúma, e a Portinari, focada em produtos de maior valor agregado, em Criciúma. Atualmente, a empresa exporta para mais de 70 países (ISOPPO, 2009, p. 168).

Se o processo de descentralização espacial do setor é hoje uma realidade dentro do estado, o mesmo pode-se dizer acerca do que acontece fora dele. Duas regiões, atualmente, ainda concentram os chamados APL's (Arranjos Produtivos Locais): o polo de Santa Gertrudes, em São Paulo, e o de Criciúma, em Santa Catarina. Outros dois aglomerados produtivos localizam-se nas regiões de Mogi Guaçu e da Grande São Paulo. Porém, nos últimos anos, é visível a multiplicação de fábricas do setor na região Nordeste, na grande maioria das vezes controladas por grupos do centro-sul, que buscam os incentivos fiscais do governo, bem como a maior proximidade geográfica com o mercado internacional.

Estes dois principais polos tiveram origens distintas, bem como atualmente atuam em diferentes segmentos do setor cerâmico. Conforme Stamer-Meyer et al. (2001), citado por Kieckbusch e Lopes (2005), enquanto que a APL do sul- Catarinense (assim como o aglomerado de Mogi Guaçu) surge de um processo de substituição de importações, com forte aporte estatal, especialmente do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), o cluster de Santa Gertrudes inicia-se como uma operação setorial informal, crescendo produzindo produtos de menor valor agregado, para as classes mais baixas.

Desta característica genética, depreendem-se seus segmentos atuais. Conforme Cabral Júnior et al. (2010, p. 8), o polo de Santa Gertrudes (Figura 2) é líder nacional no volume de produção, tanto no nível de exportações quanto no consumo interno, visto que seus produtos apresentam um preço menor e seu mercado é constituído pelas classes média e baixa. Já a indústria da região de Criciúma apresenta liderança em marca, qualidade e faturamento no mercado externo. Um exemplo deste direcionamento para um consumidor com maior poder aquisitivo por parte das cerâmicas do sul de Santa Catarina é a Cerâmica Portinari, marca derivada da Ceccrisa, que apresenta hoje uma produção totalmente voltada para este segmento.

A cadeia produtiva dos dois polos cerâmicos também apresenta diferenças. As indústrias da região de Santa Gertrudes se especializaram num tipo de produção conhecida como via seca, enquanto que as do sul catarinense focaram na produção por via úmida. Não existe um consenso sobre qual dos processos é mais eficaz. Na verdade, podemos entender que a escolha entre a via seca e a via úmida depende de diversos fatores, entre eles o mercado consumidor e a disponibilidade de matéria-prima. Em seu artigo “Panorama e Perspectivas da Indústria de Revestimentos Cerâmicos no Brasil”, publicado pela revista Cerâmica Industrial, Marsis Cabral Junior et al. (2010, p. 10), defendeu que o desenvolvimento do processo por via seca foi “uma das maiores conquistas da indústria brasileira de revestimentos cerâmicos”, pois este processo é mais barato, dispensa o uso de mais de uma matéria-prima, bem como pode ser feito com menores gastos de energia. Já Rogério Gustavo Arns Sampaio, ex-presidente da Ceccrisa, em entrevista concedida à Keity Kristiny Vieira Isoppo (2005), diz que a via úmida permite uma melhor qualidade do corpo cerâmico, além de maior estabilidade à massa.

Atendo-se à escolaridade dos funcionários das indústrias cerâmicas catarinense e paulista, pode-se perceber que as fábricas de Santa Catarina apresentam uma proporção maior de empregados com ensino superior e ensino médio completo, enquanto que as fábricas do polo de Santa Gertrudes apresentam proporção maior de empregados apenas com ensino fundamental completo (ver Tabela 2). Este aspecto se relaciona com o maior nível de automação das indústrias do sul do país, que exigem uma qualificação melhor do empregado, bem como é resultado da ação de instituições de ensino fomentadoras do setor cerâmico em Santa Catarina, que envolve desde universidades até cursos técnicos e de capacitação profissional.

6. Relações Verticais de Produção

Em Santa Catarina, temos, na região de Criciúma, um arranjo produtivo, ou *cluster*, uma economia de aglomeração em torno do setor cerâmico, delimitado espacialmente na região e englobando tanto relações a montante, com fábricas de equipamentos ou de matéria-prima, até relações a jusante, ligadas à comercialização e ao contato direto com o consumidor.

Fabre (1999) afirma que, no período anterior aos anos 1970, era muito comum as empresas terem suas próprias

Tabela 2. Grau de escolaridade por polo (2014).

Escolaridade	Limeira (%)	Tijucas (%)	Criciúma (%)
Fundamental Incompleto	1.283 (15%)	649 (19%)	1.029 (15%)
Fundamental Completo	2.368 (28%)	344 (10%)	783 (12%)
Médio Incompleto	629 (7%)	321 (9%)	565 (8%)
Médio Completo	3.357 (40%)	1.685 (49%)	3.185 (47%)
Superior Incompleto	223 (3%)	124 (4%)	370 (5%)
Superior Completo	587 (7%)	344 (10%)	801 (12%)

Elaboração própria a partir dos dados do RAIS.

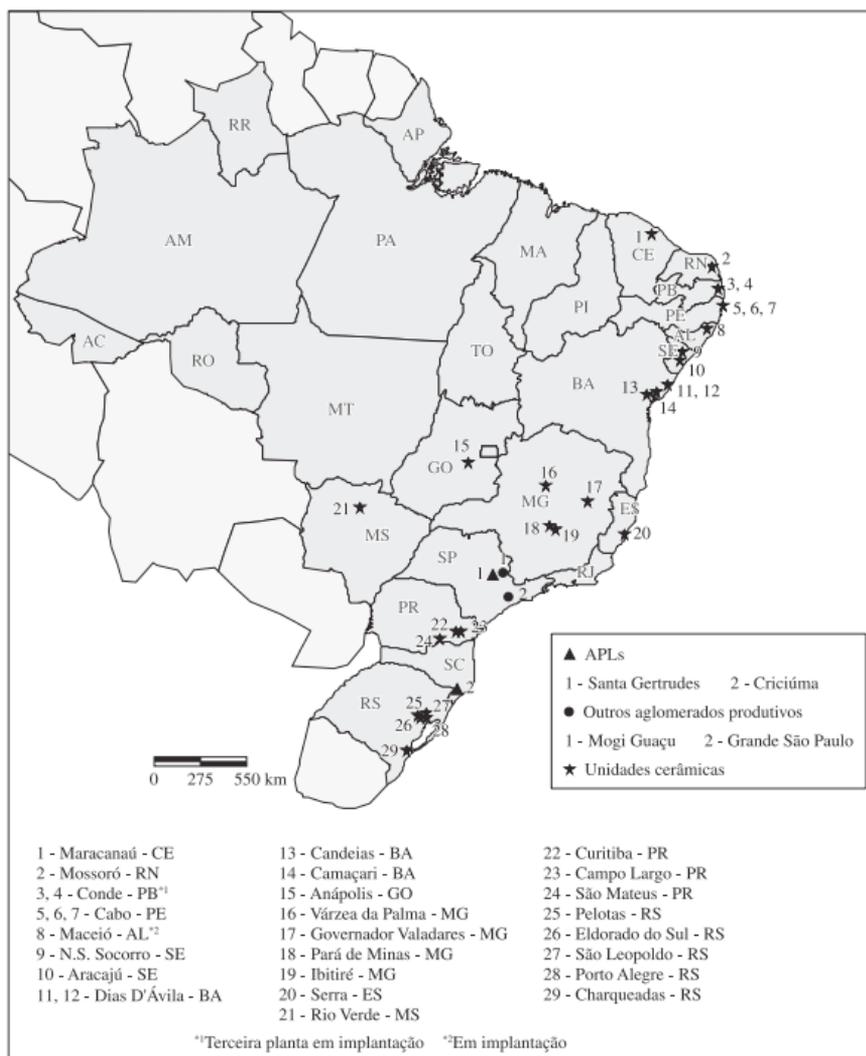


Figura 2. Localização das principais indústrias de revestimentos cerâmicos do Brasil. Extraído de Cabral Júnior et al. (2010).

mineradoras para a extração de matéria-prima. Neste sentido, duas das maiores fornecedoras de minerais para o setor cerâmico pertencem a grupos majoritários deste último segmento: a MINEL (Minérios Industriais do Sul Ltda.), do grupo Eliane, e a COMINAS (Mineradora Conventos S.A.), do grupo Cecrisa. Porém, por ser um recurso não-renovável, as indústrias cerâmicas que se instalaram

no estado tardiamente tiverem – a ainda tem – que recorrer a fornecedores externos. Deste mesmo contexto, houve a multiplicação de pequenas e médias mineradoras, que se utilizam de métodos arcaicos de produção, com baixa tecnologia e pouca orientação técnica, e comprometem a qualidade do corpo cerâmico. Corroborando com esta visão, Isoppo (2009, p. 149) afirma que é na fase de produção de

matérias-primas que encontramos as maiores defasagens no setor. Para solucionar este problema, muitas indústrias cerâmicas de revestimento vêm criando parcerias para o desenvolvimento tecnológico das mineradoras.

Em relação aos coloríficos, o domínio é de empresas estrangeiras instaladas no estado, em especial no *cluster* de Criciúma. As maiores empresas de fritas, esmaltes e corantes instaladas aqui são a Esmalglass, a Torrecid e a Ferro Enamel. Conforme dados de Fabre (1999, p. 86), em seu estudo do ano de 1998, cinco das nove maiores empresas deste segmento eram multinacionais estrangeiras, enquanto que as outras quatro posições subsequentes eram de empresas nacionais, estas que sofrem com a forte concorrência externa. Dentre as nacionais, o destaque vai para a Colorminas e a Vidrados B.S., que contam com filiais também em São Paulo. Também faz parte do processo produtivo a montante o setor de produção de peças e equipamentos, dentre os quais destacam-se a produção de prensas, fornos, moinhos e telas serigráficas. Duas empresas, nacionais, se destacam neste sentido: a ICON, de Criciúma, e a ENTEC, de Siderópolis, ao lado das italianas Siti, Sacmi, Enaplic e Wema.

Acerca das relações diretas de venda, a utilização de showrooms vem crescendo, tanto quantitativamente, no número destas lojas, quanto qualitativamente, com uma sofisticação cada vez maior na relação com o mercado. A Cecriisa, por exemplo, apresenta três lojas do tipo, uma em Criciúma, uma em Florianópolis e outra em São Paulo, e a Eliane, duas, uma em Cocal do Sul e outra também na capital paulista. Já a PBG S/A conta com uma rede de franquizados por todo o Brasil, denominada Portobello Shop. Uma outra maneira de relação com o consumidor é a partir dos Home Centers, que servem como vitrines para os produtos das grandes empresas (ISOPPO, 2009).

Em relação à logística do transporte, as cerâmicas catarinenses esbarram na distância ao principal mercado consumidor interno: o estado de São Paulo. Como um complicador, temos o fato da principal concorrência das cerâmicas de revestimento catarinenses estar inserida justamente neste estado: o polo de Santa Gertrudes. Ainda, a má qualidade da malha rodoviária, o grande valor dos pedágios que encarecem os produtos quando chegam no mercado paulista, a falta de uma articulação ferroviária, enfim, vários são os problemas logísticos que as empresas do estado enfrentam no mercado nacional. Talvez, estes entraves tenham sido o motivo da especialização do segmento em produtos com maior valor agregado, visto que a produção em larga escala teria facilmente seus custos elevados por conta dos problemas de distribuição.

7. Conclusão

Este presente trabalho evidencia a importância do setor cerâmico catarinense, especialmente do subsetor de revestimentos, que engloba a produção de pisos e azulejos. Fica evidente, a partir da análise do que foi exposto, que dois fatores fundamentais proporcionaram este forte embasamento que o segmento goza atualmente:

a acumulação primitiva dos donos das empresas do setor e a forte intervenção estatal.

Em relação ao primeiro ponto, nota-se que o estabelecimento da pequena produção mercantil foi determinante para o aparecimento das primeiras pequenas indústrias do segmento. Este fenômeno pode ser bem evidenciado na trajetória de Maximiliano Gaidzinski e de Diomício Freitas, fundadores, respectivamente, da Eliane e da Cecriisa. Ambos tiveram origens humildes e, a partir dos primeiros lucros com pequenos negócios, sejam eles relacionados com o setor carbonífero ou não, iniciaram suas atividades no setor cerâmico. É necessário salientar, porém, que muitas indústrias tiveram suas origens a partir da diversificação das atividades produtivas de grupos ou de pessoas já de relevância em suas respectivas áreas, como foi o caso da Portobello (atual PBG S/A), da Itagres e da ICISA.

Em relação à intervenção estatal, nota-se que o papel do Estado foi fundamental para alicerçar o setor, especialmente entre os anos 1960 e 1970. As políticas de crédito à indústria impactaram positivamente no setor cerâmico e deram um importante embasamento para as empresas do segmento. A importância destas políticas pode ser medida quando observamos sua desestruturação a partir dos anos de 1980 e, principalmente, nos anos 1990. O fim da intervenção estatal resultou em grandes regressões no cenário industrial catarinense. O impacto foi menor, porém, no setor cerâmico, blindado por suas relações com o mercado externo.

Assim, fica bastante evidente que a formação socioespacial do setor cerâmico catarinense não é fruto dos visionarismos dos imigrantes, como afirmam as visões schumpeteriana e desenvolvimentista conservadora. Reafirmar tais visões é ignorar uma série de outros fatores, externos e internos, que possibilitaram a ascensão dos primeiros grupos empresariais. Na verdade, a força do setor cerâmico em Santa Catarina liga-se diretamente com a criação de um ambiente de incentivos favoráveis do Estado e com condições inerentes ao desenvolvimento do capitalismo, isto é, condições de acumulação de capital através de uma pequena produção mercantil.

Referências

- FABRE, A. J. **Complexo de revestimentos cerâmicos do sul de Santa Catarina**: Análise sob enfoque do conceito de cluster ou distrito industrial. 1999. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- GEISE, B. **A atuação política do empresariado catarinense dos ramos têxtil e agroindustrial**: demandas e canais de influência (1980-1985). Florianópolis: UFSC/CFH, 1991. 149p. (Dissertação de Mestrado).
- GOULARTI FILHO, A. A indústria cerâmica do sul catarinense: Participação estatal, rupturas tecnológicas e mercado externo. **Geosul, Florianópolis**, v. 12, n. 24, 69-76, 1997.
- GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina**. Cidade Futura, 2002.
- GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2016.

- HORN, D. **A cerâmica do Brasil**: amor, empreendedorismo, inovação. Cocal do Sul: Editora Expressão, 2010.
- ISOPPO, K. K. V. **A indústria cerâmica da região de Criciúma**: o caso Cecrisa Revestimentos Cerâmicos. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, 2005.
- ISOPPO, K. K. V. **Gênese e evolução da indústria cerâmica na região de Criciúma - SC**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.
- M. C. Junior, MOTTA, J. F. M., BOSCHI, A. O. Panorama e perspectivas da indústria de revestimentos cerâmicos no Brasil. **Cerâmica Industrial**, v. 15, n. 3, 7-18, 2010.
- KIECKBUSCH, R. E., LOPES, F. P. **Diagnóstico Setorial da Cerâmica para Revestimento Catarinense**. Florianópolis: Instituto Euvaldo Lodi, 2005.
- LENIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MAMIGONIAN, A. **Indústria**: breve histórico da industrialização catarinense. In: Atlas de Santa Catarina, Florianópolis: GAPAN: 1986.
- MARTINS, M. O. **Imbituba**. 2. ed. [S.l.]: do Autor, [199-?].
- NASCIMENTO, D. **Formação histórica de Criciúma (1880-1930)**: a elite dominante e a formação da cidade. Criciúma, SC: FUCRI, 1993. 46 p.
- PIAZZA, W. F.; HÜBNER, L. M. **Santa Catarina**: história da gente. 5.ed. Florianópolis: Lunardelli, 2001.
- PINTO JÚNIOR, C. C. G. **Diagnóstico do arranjo produtivo local de cerâmica de revestimento do sul de Santa Catarina**. 2008. 125 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Econômicas, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- PINTO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 43. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SANTA CATARINA. Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul. **Relatório de atividades do PRODEC**: projetos aprovados e contratados. Florianópolis, 1999.